



A Dinâmica Migratória no Espírito Santo e as Políticas Públicas

The Migration Dynamics and public policies in the state of Espírito Santo

Resumo

Este artigo aborda os movimentos migratórios que impactaram o Espírito Santo ao longo da década de 2000 e que foram captados pelo Censo Demográfico brasileiro de 2010. De forma a alcançar os objetivos de divulgar para a comunidade dados especializados de forma simples e acessível, foi elaborado um conjunto de indicadores e um atlas comentado, no formato digital, em nível de município, cujos dados espacializados permitem estabelecer relações com outras dinâmicas da sociedade contemporânea e em outros níveis de análise. Os resultados apresentados revelaram que existem grandes variações nos resultados da migração entre as regiões do Estado, possivelmente associadas às principais atividades econômicas de cada área e ao resultado dos processos em vigência, ressaltando a relevância de se considerar a migração no planejamento das políticas públicas municipais e regionais.

Palavras-chave: Migração; Análise Espacial; Geografia da População; Atlas da Migração; Espírito Santo.

Ednelson Mariano Dota^{1*}
André Luiz Nascentes Coelho¹
Danilo Mangaba de Camargo²

¹Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

²Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

*E-mail: ednelsondota@gmail.com

Abstract

This paper discusses the migratory movements that impacted the State of Espírito Santo throughout the 2000s and were captured by the Brazilian demographic census of 2010. In order to achieve the objectives of disseminating easily accessible data to the community in a simple and accessible way, a set of indicators and an atlas, in the digital format, were elaborated at the municipality level, whose spatial data allow to establish relations with other dynamics of the contemporary society and at other levels of analysis. The results showed that there are large variations in migration among the regions of the State, possibly associated with the main economic activities of each area and the outcome of the current processes, highlighting the importance of considering migration in the planning of municipal and regional public policies

Keywords: Migration; Spatial Analysis; Population Geography; Atlas of Migration; State of Espírito Santo.

INTRODUÇÃO

A mobilidade espacial da população é parte constituinte da história humana. Apesar dos níveis diferenciados, quando se compara os povos nômades e os sedentários, os movimentos e os reassentamentos fazem parte da história dos povos e sociedades muito antes dos recortes político-administrativos que hoje consideramos e denominamos Estado-nação.

Em períodos mais recentes, esses movimentos continuaram na base das modificações da sociedade brasileira, inclusive com a chegada dos imigrantes europeus e escravos e os volumosos movimentos intraurbanos recentes. Esses movimentos redistribuíram a população, ao mesmo tempo em que serviram como insumo fundamental para a ocupação do território, o crescimento econômico e a consolidação das grandes metrópoles².

A migração no Brasil apresentou características específicas em cada período histórico. A imigração (entrada) internacional ao longo do século XIX, os grandes fluxos campo-cidade da segunda metade do século XX, com destaque para as saídas (emigração) do Nordeste e do norte de Minas Gerais, principalmente para São Paulo e, mais recentemente, a predominância dos movimentos de média e curta distância são exemplos das alterações ao longo do tempo.

Como um fenômeno social, a migração se modificou na mesma velocidade que a própria sociedade e sua organização. A gradativa redução das taxas de fecundidade, no último quarto do século XX, e a conseqüente redução do crescimento natural, tornou a migração ainda mais relevante para os processos urbanos e regionais, principalmente pelo impacto dos deslocamentos na transformação dessas áreas.

Um dos pontos centrais de se considerar em relação a este fenômeno reside na contribuição da migração para o crescimento demográfico dos municípios, juntamente com a fecundidade e a mortalidade. Enquanto as duas últimas apresentam trajetória conhecida, de queda nas últimas décadas e tendência de queda para as próximas (IBGE, 2015), a migração se modifica ao longo do tempo a partir de questões estruturais e conjunturais, tornando-se um fenômeno desafiador para o planejamento de estados e municípios. Não há como negar, portanto, o papel da dinâmica demográfica para o planejamento, ainda mais evidenciado nos municípios influenciados por fluxos migratórios. A dinâmica demográfica, neste sentido, é o ponto de partida para as outras análises. Segundo Campos (2009, p.58), “um projeto destinado a uma sociedade melhor possui a população como ponto de partida e de chegada. Ela está no diagnóstico e nos objetivos de qualquer proposta séria, voltada à melhoria de vida da maioria”.

Diante dessa relevância, o objetivo do projeto de extensão foi disponibilizar produtos com dados especializados sobre o fenômeno migratório que, ao mesmo tempo, permitisse uma leitura fácil e acessível. Para tanto, dois *layouts* foram produzidos: uma planilha eletrônica com os dados apresentados a partir de variáveis para cada um dos 78 municípios do Espírito Santo (DOTA, 2016 a), recorte territorial

² Cabe ressaltar que os movimentos citados se diferenciam de forma importante entre si. As diásporas africanas apresentaram características específicas em relação aos movimentos que trouxeram volumosos fluxos imigratórios de europeus para o Brasil. Da mesma forma, os movimentos internos, preponderantes ao longo do século XX, tem outras características que os diferenciam daqueles citados antes. Neste trabalho focamos este terceiro caso, preponderante para as discussões relacionadas a planejamento em escalas locais e regionais.

do projeto de extensão. Na sequência, esses dados foram espacializados, dando origem a um atlas comentado (DOTA; COELHO; CAMARGO, 2017) que permite uma análise da dinâmica migratória em nível regional concomitantemente à especificidade de cada um dos municípios, abrangendo, portanto, escalas espaciais de análise distintas.

MATERIAIS E MÉTODOS: DOS DADOS AOS MAPAS

Os dados utilizados na construção dos indicadores e posteriormente do atlas são oriundos dos microdados do Censo Demográfico de 2010, levantamento esse realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O censo brasileiro apresenta inúmeras potencialidades analíticas para as mais diversas áreas, inclusive para estudos relacionados à migração, em que é tido como o mais completo em nível mundial (CUNHA, 2012). Além disso, constitui-se como a única fonte de informação com dados de migração em nível municipal, assegurando que a dinâmica intraestadual do fenômeno possa ser estudada.

O censo brasileiro utiliza dois quesitos para captar a migração: o quesito “data-fixa” considera migrante aquele indivíduo que em 2010 residia em município distinto que em 2005. A pergunta que origina os dados é a seguinte: “em que Unidade da Federação, município ou país estrangeiro morava em 31 de julho de 2005”. Deste modo, implícito a esse quesito está o tempo (cinco anos antes) e o espaço (município, UF ou país estrangeiro).

Essa característica assegura um período exato e local inequívoco para a migração (CUNHA, 2012), tornando-o propício para análises como o saldo migratório, índice de eficácia migratória e outros indicadores que necessitem do tempo e do espaço claramente definidos (RIGOTTI, 1999). Todavia, há limitações em termos analíticos, dentre as quais se destaca: a) perdem-se movimentos realizados em seu interstício temporal; b) menores de cinco anos não têm seu movimento computado, uma vez que no período de referência (cinco anos antes) ainda não haviam nascido.

O segundo quesito, chamado de “última etapa”, tem sua obtenção vinculada com a questão “Em que Unidade da Federação (Estado) e município ou país estrangeiro morava antes de se mudar para este município?”. A questão permite conhecer o movimento mais recente realizado pelo indivíduo, isto é, seu local de residência anterior. Com efeito, se comparado com o dado de “data-fixa”, a principal diferença em termos qualitativos reside, além da captação do último movimento, no fato de que o tempo não é restrito a nenhum momento específico, podendo o indivíduo ter realizado o movimento a qualquer momento dos últimos dez anos.

Cabe, contudo, salientar que os dados “data-fixa” e “última etapa”, embora com especificidades em seu modo de captação e interpretação não são completamente distintos, sobretudo porque muitos dos indivíduos captados por um quesito são igualmente captados pelo outro. Na avaliação de Rigotti (1999) o quesito “data-fixa” é o mais completo, todavia em lugares de alta mobilidade o quesito “última etapa” apresenta maiores potencialidades.

Os microdados do Censo Demográfico foram tabulados utilizando-se os *softwares* SAS University Edition e o SPSS 17.0. Da tabulação foram gerados indicadores, organizados em uma planilha eletrônica incluindo a legenda de cada uma das variáveis. Para todos os municípios, junto ao nome, foram incluídos os geocódigos, que permitem a integração com a base de dados georreferenciados para a geração dos mapas com o aplicativo ArcGIS 10.5 ajustado no sistema de projeção UTM, Datum SIRGAS 2000, Zona 24 Sul (IBGE, 2005).

Do ponto de vista cartográfico, o desafio na elaboração do atlas centrou-se na escolha dos métodos que melhor representassem a realidade espacial da migração. Deve-se levar em conta que qualquer método leva a um reducionismo, visto estar transformando uma problemática espacial em um modelo matemático-computacional (CÂMARA; MONTEIRO; MEDEIROS, 2001), que é o paradigma dos Sistemas de Informações Geográficas (SIG), ambiente em que os mapas foram construídos. Nesse contexto, a assertiva que norteou o desenvolvimento do atlas é que os mapas se constituem em modelos (BOARD, 1975) e, por isso, apresentam alto grau de seletividade no modo de representação das informações, o que redundava na observação de que serão sempre diferentes da realidade, justamente por serem aproximações dela (HAGGETT; CHORLEY, 1974). Entendendo os mapas como modelos, a premissa que dirigiu a elaboração foi a de que “um modelo deve ser bastante simples para manipulação e compreensão pelos usuários, bastante representativo no alcance total das implicações que possa ter, embora bastante complexo para representar, com precisão, o sistema em estudo” (HAGGETT; CHORLEY, 1974, p.5).

Dentre a diversidade de métodos consagrados na cartografia optou-se pela representação coroplética da informação, isto é, as diferentes classes de dados representadas no mapa diferenciadas por um esquema de cores, sendo quase sempre em tons degradê. Nesse tipo cartográfico os dados são representados de modo uniforme dentro da unidade de área adotada, nesse caso os limites dos municípios do Espírito Santo. Não obstante, ao adotar-se tais limites, variações de valores no âmbito intramunicipal não podem ser representados no mapa. Sem embargo, destaca-se nesse tipo de representação a relativa facilidade na interpretação dos dados, uma vez que o esquema de cores tende a impelir a ordem visual, possibilitando a obtenção quase que imediata de imagens comparáveis entre os mais diversos mapas e temas neles representados (MARTINELLI, 2003).

Por fim, para a elaboração das classes da legenda dos mapas utilizou-se a metodologia indicada por Martinelli (1998) que, de modo sintético, pode ser resumida do seguinte modo: i) construção de um histograma para a série de dados em questão; ii) Verificação dos agrupamentos naturais fornecidos pelas colunas do histograma, servindo-se esses para a delimitação do limite entre as classes; iii) definição do número de classes, sabendo-se que esse número não poderia ser maior que oito devido a questões relativas às limitações da percepção visual do olho humano.

RESULTADOS

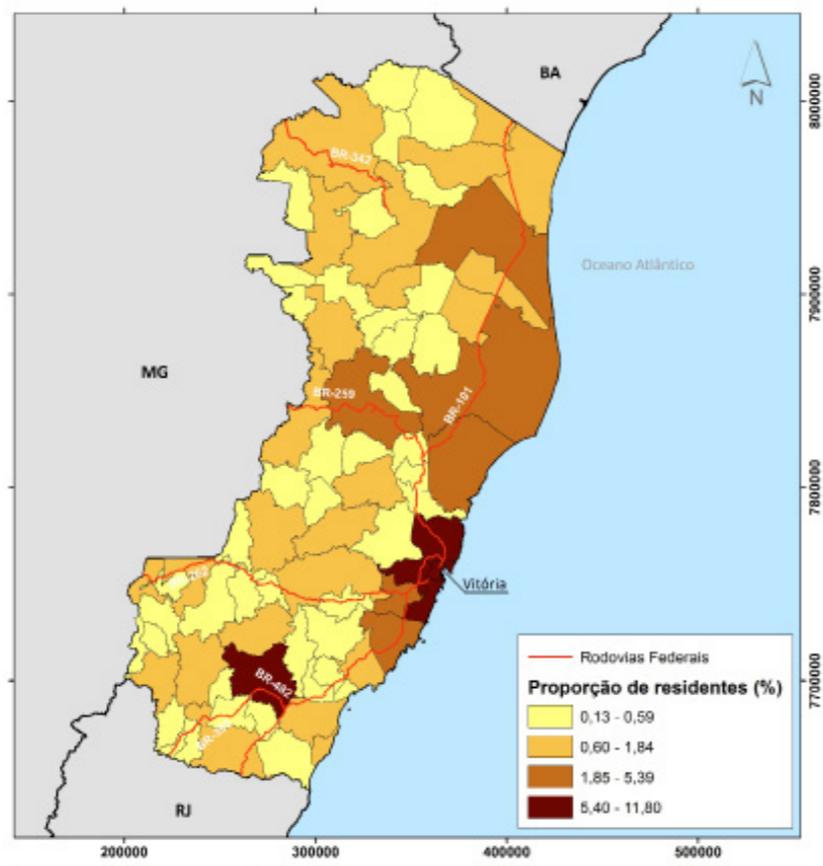
A partir da disponibilização dos indicadores e da construção do atlas³ objetivou-se que a comunidade pudesse, ao mesmo tempo, analisar informações locais e pontuais, de um lado, e regionais, de outro, intercalando escalas de análises que pudessem suscitar as relações existentes entre a dinâmica migratória e outros processos, sociais e econômicos, nas distintas áreas do Espírito Santo.

A organização dos mapas no atlas teve como objetivo construir uma sequência lógica, partindo da atual distribuição da população nos municípios do Espírito Santo (Figura 1), seguida pela dinâmica migratória analisada a partir dos dois quesitos disponíveis na pesquisa. Na Figura 1 percebe-se a concentração da população em nível estadual, nos municípios da Região Metropolitana da Grande Vitória, assim como nos municípios-polo do Estado, como Cachoeiro de Itapemirim, no sul, Colatina, no centro-oeste e Linhares e São Mateus, ao norte.

A distribuição observada, como resultado de dinâmicas históricas, tende a se modificar ao longo do tempo a partir de influências estruturais, como investimentos

FIGURA 1. Distribuição espacial da população segundo município de residência. Espírito Santo, 2010.

Fonte: DOTA; COELHO; CAMARGO (2017).



³ Os resultados do projeto de Extensão podem ser acessados em <www.geo.ufes.br> ou no blog do projeto <blog.ufes.br/demografia>.

econômicos e a abertura de novas oportunidades desigualmente distribuídas pelo espaço, ou mesmo fatores conjunturais, como crises acompanhadas pela escassez de emprego e deterioração das condições de vida. Na Figura 2, que apresenta a taxa de crescimento da década de 2000, é possível perceber que não foram as áreas que mais concentram população as que mais cresceram: o maior crescimento foi obser-

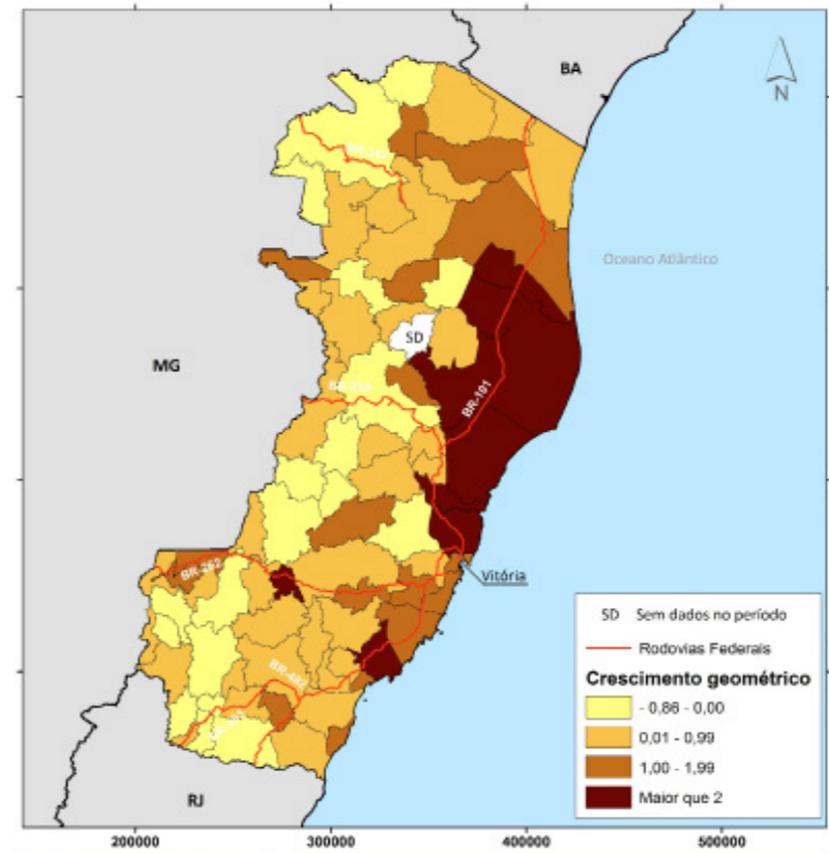


Figura 2. Taxa de crescimento média geométrica anual. Espírito Santo, 2000-2010.

Fonte: DOTA; COELHO; CAMARGO (2017).

vado ao norte da região metropolitana, englobando ainda dois dos seus municípios.

Ao mesmo tempo, os municípios a oeste apresentaram taxas de crescimento negativas, ou seja, tiveram redução de população no período. Nos dados de trabalho ao longo da década, observou-se que foi nestes municípios que mais se perdeu emprego e, especificamente no setor primário da economia (DOTA, 2016b) que, notadamente, tem a maior parte das vagas concentradas nesta região do Estado.

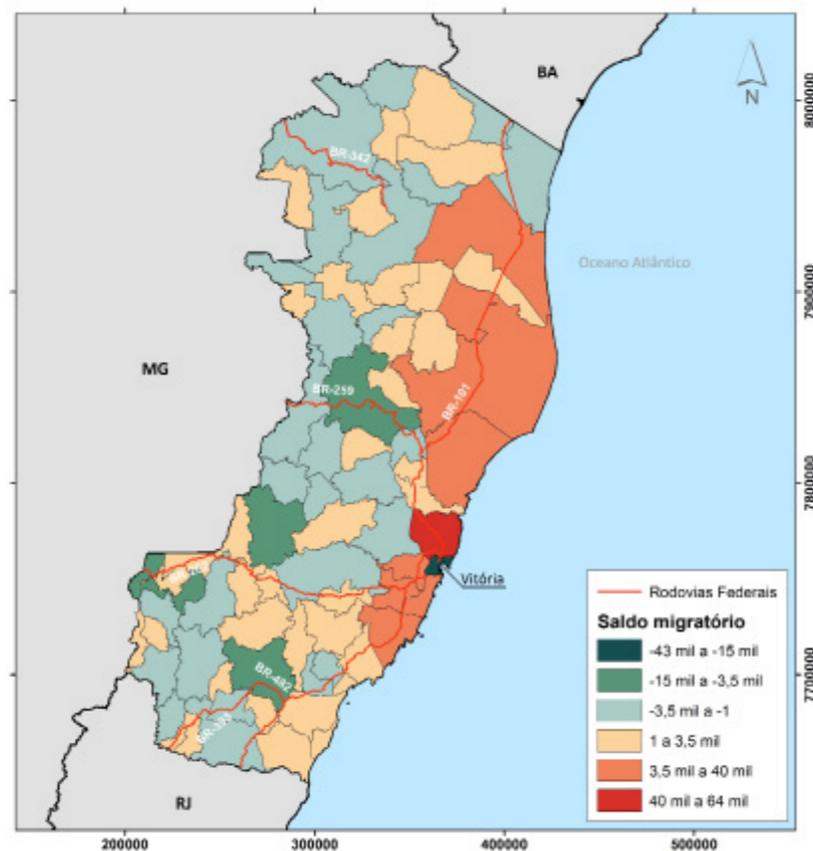
A análise espacial das taxas de crescimento aponta a perda de relevância dos municípios a oeste, como resultado da concentração da população nos municípios litorâneos do Estado.

Grande parte dos municípios litorâneos apresentou saldos migratórios positivos, assim como naqueles a oeste predominaram os resultados negativos. Neste sentido, evidencia-se a relação existente entre o saldo migratório do período, como

diferença da imigração e da emigração, e o crescimento demográfico experimentado por cada município. A correlação de Pearson indica valores médios (0,33) quando se considera todos os municípios do Estado, que aumenta para alta correlação (0,64) quando se exclui os dados dos quatro maiores municípios do Estado. A capital Vitória, assim como os municípios de Serra, Vila Velha e Cariacica influenciam os dados devido à dinâmica migratória fortemente integrada e interdependente, cuja análise é mais complexa em se tratando de movimentos intrametropolitanos.

Figura 3. Saldo migratório dos municípios. Espírito Santo, 2000-2010.

Fonte: DOTA; COELHO; CAMARGO (2017).



Cabe destacar o papel das infraestruturas, com clara relação dos municípios com saldos maiores, positivos ou negativos, e as rodovias que cortam o estado e que concentram parte da movimentação de produtos e pessoas. Essa relação geralmente está associada à fluidez que essas infraestruturas oferecem e que, ao longo do tempo, atraem para seu entorno atividades empresariais e geram, por consequência, a abertura de oportunidades de trabalho em maior volume do que nas áreas desassistidas por essas obras.

A partir dos produtos, portanto, é possível analisar as tendências recentes da relação entre a atual distribuição espacial da população pelos municípios e o direcionamento dos fluxos migratórios, correlacionados a outras variáveis de interesse a

partir da dinâmica local e regional de cada porção do Espírito Santo.

CONCLUSÕES

A disponibilização dos indicadores e do atlas, de forma gratuita e irrestrita na internet, permite à comunidade conhecer as dinâmicas recentes da migração, refletir sobre os desafios que estão postos e aqueles que virão, considerando que as características sociodemográficas da população se modificam constantemente e, ainda, mais rápido nos municípios mais impactados pela migração.

O interesse da comunidade nos resultados do projeto de extensão ficou evidenciado no evento de divulgação e debate, que contou com grande público. Participaram representantes de dezenove instituições, dentre as quais seis Prefeituras, Secretaria de Direitos Humanos, Banco de Desenvolvimento do Estado, Institutos de Pesquisa, faculdades e universidades.

Neste sentido, destaca-se que apesar das limitações observadas nas fontes de dados secundárias, especialmente pelo fato de os dados serem representativos da década de 2000, a migração analisada a partir dos dados do Censo Demográfico brasileiro permite acompanhar a evolução do fenômeno e, juntamente com outras variáveis, prospectar tendências, caras ao planejamento.

No caso do Espírito Santo, percebeu-se que ao longo da década de 2000 o saldo migratório aumentou, resultado em grande parte da queda da emigração. Essa queda, atrelada ao aumento das oportunidades a partir dos investimentos ocorridos no Estado (DOTA, 2016b), permitiu maior empregabilidade e conseqüentemente reduziu a evasão populacional em relação aos períodos anteriores. O período de crise, vivido a partir de 2010, pode significar outras dinâmicas para a migração, fato que torna ainda mais relevante conhecer os dados que antecedem o momento que vivemos.

Destaca-se que, ao mesmo tempo em que se observa uma volatilidade nos fluxos migratórios que culmina em alteração no saldo, como observado no Espírito Santo, há uma continuidade, que resulta em grande parte da existência de redes sociais constituídas ao longo do tempo e iniciadas por precursores nos fluxos.

A expectativa do projeto de extensão foi a de explicitar a dinâmica migratória com o que há de mais recente de informação e discutir com a comunidade as implicações do que foi observado e do que isso poderá significar. Verifica-se, a partir disso, a possibilidade de contribuições concretas para a geração de políticas públicas que se atentem para a relevância do fenômeno e de sua dinâmica espacial, além da avaliação daquelas que estão em execução.

REFERÊNCIAS

- BOARD, C.** Os mapas como modelos. In: CHORLEY, R. J; HAGGETT, P. (org.). Modelos físicos e de informação em Geografia. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos / Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. p. 139-184.
- CÂMARA, G; MONTEIRO, A. M. V.; MEDEIROS, J. S de.** Fundamentos Epistemológicos da Ciência da Geoinformação. In: CÂMARA et. al (org). Introdução à Ciência da Geoinformação. INPE, 2001. CAMPOS, R. R. DE. Aspectos demográficos na obra de Josué de Castro. Mercator, v. 8, n. 17, p. 55-67, 2009. Disponível em: <http://

www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/274>. Acesso em março de 2017

CUNHA, J. M. P. Retratos da mobilidade espacial no Brasil: os Censos Demográficos como fonte de dados. Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 39, p. 29–50, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v20n39/v20n39a03.pdf>>. Acesso em abril 2017.

HAGGETT, P.; CHORLEY, R. J. Modelos, Paradigmas e a Nova Geografia. In: CHORLEY, R. J.; HAGGETT, P. (org.). Modelos integrados em Geografia. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos / Ed. da Universidade de São Paulo, 1974. p. 1-20.

DOTA, E. M. Indicadores de migração dos municípios do Espírito Santo: o período 2000-2010. Vitória: UFES, 2016a. Disponível em: <<http://www.geo.ufes.br/projeto-de-extens%C3%A3o-%E2%80%99Cos-perfis-sociais-dos-fluxos-migrat%C3%B3rios-no-esp%C3%ADrito-santo%E2%80%9D>>. Acesso em abril 2017.

DOTA, E. M. A migração no Espírito Santo no período 1991-2010: novidades e continuidades. Geo-grafares, n. 21, p. 142-153, 2016b. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/12001>>. Acesso em abril de 2017

DOTA, E. M.; COELHO, A. L. N.; CAMARGO, D. M. Atlas da migração no Espírito Santo. Vitória: PROEX/UFES, 2017. Disponível em <<http://www.geo.ufes.br/sites/geografia.ufes.br/files/field/anexo/atlas3.pdf>>. Acesso em Janeiro de 2017

IBGE. Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI : subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=293322>>. Acesso em abril de 2017.

IBGE. Resolução IBGE nº 1/2005 que altera a caracterização do referencial geodésico brasileiro. 2005. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/metodos_e_outros_documentos_de_referencia/normas/rpr_0125fev2005.pdf>. Acesso em abril. 2017.

MARTINELLI, M. Mapas e gráficos: construa-os você mesmo. São Paulo: Moderna, 1998.

MARTINELLI, M. Cartografia temática: caderno de mapas. São Paulo: EDUSP, 2003.

RIGOTTI, J. I. R. Técnicas de mensuração das migrações, a partir de dados censitários: aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo. 142 fl. Tese (Doutorado) – CEDEPLAR – UFMG, Belo Horizonte, 1999.

